

# INTERLÚDIO. DUAS MULHERES NIGERIANAS, UMA EXPERIÊNCIA PRIVADA

Anderson Bastos Martins\*

## Resumo

Diversos autores, seja de ficção, seja de teoria e crítica literária ou cultural, analisaram, nas últimas décadas, a emergência de novas identidades sociais e culturais. Nos trabalhos desses pensadores, estudou-se tanto a consolidação discursiva dessas novas identidades quanto suas formas de reivindicação de espaço e voz na configuração das coletividades contemporâneas, ora mais, ora menos resistentes ao estabelecimento de tais atores sociais. Nesse processo, formou-se a crítica feminista, bem como as várias militâncias de gênero, as religiões minoritárias, entre outros, e fortaleceu-se a penetração das demandas culturais e políticas das agendas étnico-raciais. Todavia, um efeito dessa recente convergência de forças liberadoras foi o surgimento de novos – ou o fomento de velhos – discursos segregacionistas e neonacionalistas ou neosexistas baseados, paradoxalmente, em argumentos comuns aos dois lados desses importantes movimentos políticos e culturais. A detecção de um aumento na incidência de casos de homofobia nas ruas e de racismo nos estádios esportivos é apenas um exemplo entre numerosos outros tipos de manifestações análogas de violência física e moral/discursiva. Em meu texto, discuto o conto “A private experience” (Uma experiência pessoal), de autoria da jovem escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Em minha análise, procuro demonstrar como a narrativa faz do relato um espaço – uma heterotopia, talvez – para a conversação – na acepção cosmopolita conferida ao termo por Kwame Anthony Appiah – entre membros de universos culturais não apenas diferentes como também extremamente antagônicos.

## Palavras-chave

Diferença; Etnia; Gênero; Religião;  
Semelhança.

## Abstract

Several authors, whether of fiction or literary or cultural theory and criticism, have analysed, over the last decades, the emergence of new social and cultural identities. The work of such thinkers has studied both the discursive implementation of those new identities and their strategies for claiming both space and voice in the configuration of contemporary collectivities, which offer, now more, now less, resistance to the establishment of those social actors. In the process, feminist criticism has been created, as well as the diverse gender militancies, minority religions, etc, and the scope of the cultural and political demands of ethno-racial agendas has been strengthened. However, one effect of this recent convergence of liberating energies has been the arising of new – or the incitement of old – segregationist, neonationalist or neosexist discourses based, paradoxically, on arguments shared by both sides of those important political and cultural movements. The detection of a rise in the incidence of homophobia on the streets and racism at sports venues is but one example among countless other analogous manifestations of physical or moral/discursive violence. In my text, I discuss the short story “A Private Experience”, written by the young Nigerian author Chimamanda Ngozi Adichie. In my analysis, I seek to demonstrate how the narrative turns the telling of the story into a space – perhaps a heterotopia – for conversation – in the cosmopolitan sense conferred on the word by Kwame Anthony Appiah – between members of cultural universes that are not only different but also extremely antagonistic.

## Keywords

Difference; Ethnicity; Gender; Religion;  
Similarity.

---

\* Doutor em Letras (Literatura Comparada) pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG; Professor de Teoria Literária e Literaturas de Expressão Inglesa do Departamento de Letras, Artes e Cultura da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ – CEP 36301-160 - São João del-Rei – MG – Brasil. E-mail: anderbas@gmail.com

Diferença: conceito derivado de um dos fatos que sempre marcaram o trajeto da humanidade pelo planeta. E as marcas em questão são de variado, diferente, teor. Ora celebra-se a diferença. Ora ela se torna a fonte, declarada ou não, de debates acirrados, disputas, violência e morte. Afinal de contas, o que se pode fazer com tanta diferença como a que caracteriza o mundo atual? Trata-se de uma pergunta urgente.

Em minha leitura do livro *Cosmopolitismo: ética num mundo de estranhos*, que o filósofo anglo-ganense Kwame Anthony Appiah publicou em 2007, creio encontrar um admirável esforço da parte do autor por responder a esta questão.

O livro de Anthony Appiah tem o mérito de não temer alguns termos que frequentemente são anatematizados pelos entusiastas da diferença, como, por exemplo, *semelhança* e *universalidade*. Em linhas gerais, a tese de *Cosmopolitismo* é relativamente simples: as diferenças entre os bilhões de seres humanos residentes neste exato instante no globo terrestre apenas se sustentam sem causar o fim da espécie porque elas são medidas, e sentidas, em sua relação com os vários fatores que tornam os homens e mulheres semelhantes. Para exemplificar o pensamento do autor, pode-se dizer que o grau de empatia que os humanos nutrem uns pelos outros é muito maior do que o mesmo sentimento medido em relação às outras espécies que dividem conosco o espaço planetário. Não é por outra razão que Appiah elabora sua proposta com base na prática da "conversa" ou "conversação", como pode variar a tradução do termo "conversation". E isto se dá não apenas porque, grosseiramente falando, os humanos não costumam estabelecer grandes interações conversacionais com os animais, as plantas, ou as forças da natureza. Até porque esse tipo de conversa é frequentemente praticada por milhões de pessoas com resultados dificilmente mensuráveis. A grande questão para Appiah está em que a estrutura fisiopsíquica comum entre os homens e mulheres conduz a uma interlocução multidirecional impossível entre a humanidade e as demais espécies animais. A partir daí, o autor vai definir o cosmopolita como o sujeito capaz de conversar com as diferenças tendo as semelhanças como ponto de partida. O ponto de chegada é o futuro e não pode ser definido aprioristicamente. Nas palavras do próprio escritor:

As portas de entrada para as conversações interculturais são coisas partilhadas por aqueles que se encontram na conversa. Estas não precisam ser universais; o que importa é o que estas pessoas em particular têm em comum. Uma vez que tenhamos descoberto o bastante que partilhamos, existe a possibilidade adicional de que venhamos a apreciar a descoberta de coisas que ainda não partilhamos. Este é um dos lucros da curiosidade cosmopolita. Podemos aprender uns com os outros; ou podemos apenas ficar intrigados com modos alternativos de pensar, sentir e agir. (APPIAH, 2007, p. 97 - tradução nossa)<sup>51</sup>.

É claro que uma citação como essa cheira a política de boas intenções, a palavras despegadas dos termos forçados sobre cada um de nós pelos fatos diários, pela alta frequência com que somos visitados pela intolerância, pelo racismo, pela discriminação, pela demonização do outro, pelos discursos condenatórios, pelos estereótipos consolidados. Tragicamente, a valorização da diferença não possui uma agenda política unicamente voltada para as boas

---

<sup>51</sup> No original: "The points of entry to cross-cultural conversations are things that are shared by those who are in the conversation. They do not need to be universal; all they need to be is what these particular people have in common. Once we have found enough we share, there is the further possibility that we will be able to enjoy discovering things we do not yet share. That is one of the payoffs of cosmopolitan curiosity. We can learn from one another; or we can simply be intrigued by alternative ways of thinking, feeling and acting" (APPIAH, 2007, p. 97 - tradução nossa nesta e nas demais citações deste livro).

relações humanas. Às vezes, repete-se insistentemente que diferenças existem *lá fora*, como forma de sedimentar o discurso da unidade *aqui dentro*. É uma forma de desvalorizar o diferente no intuito de sobrevalorizar o semelhante. Políticos nacionalistas sempre fizeram uso deste recurso. Campanhas eleitorais não fazem outra coisa. Muitos pregadores religiosos seguem na esteira. E o resultado, infelizmente, não é apenas uma futebolização das relações humanas, mas frequentemente redundam em descabimentos de violência e injustiça.

Busquemos a literatura para dar sequência ao raciocínio. A jovem escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie vem dedicando sua obra literária à investigação dos usos e abusos da diferença. Seja em *Hibisco roxo*, seu romance inaugural, cujo tema central é o fanatismo religioso, seja em *Meio sol amarelo*, em que seguiu os passos de Chinua Achebe para retornar ao grande trauma político e religioso que a Guerra de Biafra representou para seu país, a autora mantém uma postura esperançosa em relação ao futuro da humanidade, o que talvez explique a boa aceitação do público leitor a seus livros.

Sua última obra, a coletânea de contos *The thing around your neck*, inclui uma história que gostaria de colocar em diálogo com o pensamento de Anthony Appiah e, mais tarde, com o que Michel Foucault escreveu sobre a heterotopia.

No conto "A private experience" (Uma experiência privada), duas mulheres escapam de um confronto religioso entre cristãos e muçulmanos pulando uma janela e caindo no interior do que parece ser uma loja abandonada. Ali, em relativa segurança, aguardam enquanto a situação *lá fora* fica tranquila o bastante para poderem retornar a suas vidas. Uma das mulheres é Chika, uma nigeriana rica, cristã pertencente à etnia ibo, portanto de pele mais clara que sua companheira, uma mulher de poucos recursos, muçulmana da etnia hauçá. Seu nome não é revelado na narrativa. A primeira vem do sul do país; a segunda vem do norte, a velha fronteira definida não apenas pela geografia, mas também pela religião, pela língua, pelos traços fenotípicos e pela quantidade de petróleo existente no subsolo. Assim, o conto de Adichie transforma a loja empoeirada em que se desenrola a narrativa num microcosmo em que séculos do drama nacional nigeriano podem ser reencenados em termos alternativos à realidade daquele país. E o fato de que a mulher sem nome, pertencente à parcela da população que, naquele dia em particular, encontrava-se na posição do grupo agressor, foi a responsável por salvar a vida de Chika já aponta para o desejo de uma reconciliação nacional.

Segundo o narrador, os conflitos de rua dos quais as duas mulheres estavam fugindo ocorriam durante o governo do ditador Sani Abacha, cujo regime de corrupção e intolerância se estendeu entre 1993 e 1998. Como Abacha era muçulmano, os hauçá do norte sentiam-se fortalecidos em seu antagonismo contra os cristãos do sul, que, provavelmente, aguardariam a chegada ao poder de um dos seus e partiriam para a revanche. Todo esse processo, que se repete há séculos em muitas partes do mundo, constitui um ciclo dificilmente interrompido. E os discursos da diferença, convocados a insuflar ódios ancestrais, seguem seu curso de fortuna incerta.

No vaivém temporal empregado pelo narrador, lê-se o seguinte relato da razão para o tumulto que desencadeia o conto de Adichie:

Ela [Chika] descobrirá que tudo havia começado no estacionamento, quando um homem passou com seu carro por cima do Alcorão Sagrado que se encontrava na lateral da pista, um homem que, por acaso, era ibo e cristão. Os homens ao redor, que passavam o dia sentados ali jogando damas, homens que, por acaso, eram muçulmanos, arrancaram-no de sua caminhonete, deceparam-lhe a cabeça com um único golpe de facão e

levaram-na até o mercado, chamando os demais para se juntarem a eles; o infiel havia profanado o Livro Sagrado (ADICHIE, 2009, p. 46 - tradução nossa nesta e nas demais citações do conto) <sup>52</sup>.

Mas o barulho e a destruição que se seguiram ficaram do lado de fora da loja abandonada, onde apenas Chika e a outra mulher permanecem, existem. Primeiramente, Chika se pergunta se aquela pobre comerciante do mercado de Kano, a cidade que serve de cenário de fundo ao conto, compreendia a razão daquelas constantes refregas entre nigerianos de diferentes origens e afiliações. Logo em seguida, decide que não valeria a pena iniciar com a companheira “uma conversa para trocar acusações” (ADICHIE, 2009, p. 49)<sup>53</sup>. Nesse momento, Chika faz a opção por se afastar das diferenças, e a narrativa começa a abrir espaço para que ambas se encontrem, para que conversem, por meio de suas semelhanças.

Com ambas as protagonistas descansando no chão da loja, a comerciante sem nome reclama de ardência nos seios. Chika lhe havia dito que era estudante de medicina, o que talvez tenha encorajado a outra a expor os seios e oferecê-los de forma quase inconsciente a um exame clínico. Chika percebe que sua companheira estava amamentando e lhe dá algumas dicas sobre hidratação da pele afetada. E também decide mentir, ao afirmar que sua mãe sofria do mesmo problema toda vez que tinha um bebê. Mas a mãe de Chika tivera apenas duas filhas, e a amamentação era sempre acompanhada de perto pelos melhores médicos. O que Chika queria, porém, era criar um laço com a outra e, ao enfatizar o fato de ambas serem mulheres, reduzir a distância que suas condições sociais e históricas haviam criado.

O ponto crucial da narrativa chega quando a empatia criada por meio das semelhanças de gênero é reforçada pelo cruzamento das fronteiras religiosas. Quando Chika decide que já era possível sair da loja e procurar a tia com quem passava alguns dias em companhia da irmã, ela volta às ruas do velho mercado e toma-se de horror ao se deparar com um corpo carbonizado no meio a rua. Em pânico, retorna à loja e, no caminho, corta a perna. Novamente no chão do pequeno espaço que dividia com a outra mulher, Chika se surpreende com seu sangue a escorrer, que lhe parece pertencer a outra pessoa, “como se alguém houvesse espirrado molho de tomate nela” (ADICHIE, 2009, p. 54)<sup>54</sup>. O que Chika parece experimentar é o sair-de-si sugerido por Appiah em sua proposta da conversação cosmopolita. Nesse momento, ocorre o gesto simbólico mais potente do conto.

Ocorre que, para estancar o sangue de Chika, a mulher muçulmana lhe emprestou seu véu, a fonte de tanta discórdia em tantos lugares. E ali dois dos símbolos religiosos mais significativos se misturam: o véu das seguidoras de Maomé e o sangue que se sacraliza nos rituais cristãos. Um amparando o outro. Uma proximidade de diferenças que apenas a descoberta de semelhanças pode realizar sem insuflar novos conflitos. Ao final, as duas mulheres se separam, mas o narrador da pequena história permite ao leitor perceber os efeitos daquela experiência privada.

---

<sup>52</sup> No original: “She will find out it had all started at the motor park, when a man drove over a copy of the Holy Koran that lay on the roadside, a man who happened to be Igbo and Christian. The men nearby, who sat around all day playing draughts, men who happened to be Muslim, pulled him out of his pickup truck, cut his head off with one flash of a machete, and carried it to the market, asking others to join in; the infidel had desecrated the Holy Book” (ADICHIE, 2009, p. 46).

<sup>53</sup> No original: “a conversation of naming names” (ADICHIE, 2009, p. 49).

<sup>54</sup> No original: “as though someone had squirted tomato paste on her” (ADICHIE, 2009, p. 54).

Mais tarde, quando não mais tiver esperança de reencontrar a irmã, desaparecida durante o tumulto no mercado, Chika lerá no *The Guardian* que “os muçulmanos reacionários do norte falantes de hauçá têm um histórico de violência contra os não muçulmanos” (ADICHIE, 2009, p. 55)<sup>55</sup>, e em meio a sua dor ela irá parar para lembrar que examinou os seios e provou a gentileza de uma mulher que é tanto hauçá quanto muçulmana.

O desfecho de “Uma experiência privada” remete-nos novamente ao pensamento de Appiah, que conclui o capítulo de *Cosmopolitismo* intitulado “Estranhos imaginários” nos seguintes termos:

O problema da comunicação intercultural pode parecer imensamente complexo na teoria, quando estamos tentando imaginar o ato de dar sentido a um estranho em termos abstratos. Mas a grande lição da antropologia é que quando o estranho deixa de ser imaginário e torna-se real e presente, partilhando uma vida social humana, pode-se gostar ou não dele, pode-se concordar ou discordar; mas se for o que ambos desejam, sempre é possível fazer sentido um do outro no final (APPIAH, 2007, p. 99)<sup>56</sup>.

Expandindo um pouco mais a reflexão em torno desse tocante conto de Adichie, pode-se pensar sobre a loja abandonada em que se desenrola a narrativa como o espaço heterotópico proposto por Michel Foucault como um local de alteridade, de vidas alternativas, um espaço marcadamente psíquico que se relaciona com todos os demais espaços da vida social e sobre eles intervém. Mas para o que desejo propor na conclusão de meu trabalho, interessa-me ir além do espaço heterotópico presente na narrativa para concentrar-me no trabalho narrativo em si bem como no processo de leitura do conto.

O conhecido texto “Outros espaços”, conferência proferida originalmente em 1967, trata basicamente das heterotopias enquanto espaços reais opostos às utopias, espaços inexistentes nos quais Foucault parece ter pouco interesse e sobre os quais não deposita qualquer esperança. Mas é o espelho, espécie de cruzamento entre a utopia e a heterotopia, que motiva minha leitura do conto de Chimamanda.

Os termos com os quais Foucault caracteriza o espelho, para logo depois deixá-lo no caminho em seu texto, são os seguintes:

Acredito que entre as utopias e estes posicionamentos absolutamente outros, as heterotopias, haveria sem dúvida uma espécie de experiência mista, mediana, que seria o espelho. O espelho, afinal, é uma utopia, pois é um lugar sem lugar. No espelho, eu me vejo lá onde não estou, em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície [...], que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade [...]. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou [...]. A partir desse olhar [...], do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou (FOUCAULT, 2001, p. 415).

Não há novidade em se destacar o fundo de virtualidade da narrativa, especialmente da narrativa literária em sua acepção contemporânea de escrita

---

<sup>55</sup> No original: “the reactionary Hausa-speaking Muslims in the North have a history of violence against non-Muslims” (ADICHIE, 2009, p. 55).

<sup>56</sup> No original: “The problem of cross-cultural communication can seem immensely difficult in theory, when we are trying to imagine making sense of a stranger in the abstract. But the great lesson of anthropology is that when the stranger is no longer imaginary, but real and present, sharing a human social life, you may like or dislike him, you may agree or disagree; but if it is what you both want, you can make sense of each other in the end” (APPIAH, 2007, p. 99).

ficcional. Mesmo quando o texto literário é constituído de escrita inteiramente não ficcional, o suporte e o gênero não permitem ao leitor abordar o texto por outro viés que não seja o da ficção. Mas propor que a virtualidade retroativa do espelho de Foucault guarda profundas semelhanças com a experiência de leitura da narrativa ficcional transporta-nos a um território escorregadio da teoria e da crítica literária contemporânea. Afinal de contas, imaginar que a literatura leva seu receptor a ver-se lá onde não está e, em seguida, voltar esse olhar novo sobre si mesmo aqui onde ele ou ela realmente se encontra pode ser entendido como um retorno ao tempo em que a literatura acreditava ter um compromisso moralizador, uma tarefa civilizatória, a potencialidade para melhorar o homem.

Tudo bem que esse tema não seja tão difundido nos estudos literários de hoje, mas me parece ter sido exatamente essa a expectativa de Chimamanda Adichie quando publicou "Uma experiência privada". Esse conto parece desejar que seu leitor experimente virtualmente um momento singular em que as dessemelhanças problemáticas dividem o mesmo espaço para que as semelhanças forcem para si um lugar nessa experiência, tão privada quanto o próprio ato de leitura.

### **Olhando para trás**

Este texto foi lido no Simpósio "A Literatura Contemporânea em Movimento", que fez parte da programação do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Curitiba – PR). Gostaria de fazer um ligeiro comentário a respeito da ementa divulgada pela Comissão Organizadora do evento em seu primeiro informativo e que hoje se encontra, com algumas alterações, na página eletrônica de apresentação dos Anais do evento. É possível perceber ali um anseio pelo retorno aos bons tempos em que a literatura comparada contava com a existência das literaturas nacionais.

Desde o início dos anos 90 do século passado, a nossa área de investigação está afetada por desconfiança, de natureza ética, que nos levou a questionar tanto seu objeto - a literatura - quanto alguns de seus pressupostos básicos: a centralidade do estético e *o princípio de nacionalidade*. Na primeira década do século XXI, no entanto, revisitamos, sob outras perspectivas, esse mesmo objeto e conceitos próximos ou aparentados àqueles que pareciam descartados (RODRIGUEZ, 2011, s/p. - itálicos do autor).

Assim como não me parece que Chimamanda conte com Chika e sua companheira sem nome para imaginar a Nigéria como uma singularidade nacional unida para além de fronteiras internas de cunho étnico, religioso e econômico, não creio que o modelo da literatura nacional possa sustentar na atualidade a percepção de ser algo tão natural quanto as fronteiras territoriais. Ironias à parte, questionar o paradigma do nacional não equivale a desqualificar a soberania nacional, mas impedir o esquecimento de que uma nação se forma por meio da oposição às demais nações. Mas essa é uma questão importante para o Estado, para a administração pública, para a Copa do Mundo de Futebol, não mais para a literatura. Se ela pode se aproveitar de sua virtualidade para forçar seu leitor a pensar seu lugar no mundo contemporâneo, seria mais interessante propor a discussão de que a experiência de lugar do homem contemporâneo dificilmente ficará circunscrita à ideia que faz de seu país natal. No tocante à literatura nacional, o que se pode fazer com o caso, apenas um exemplo entre tantos, do romance autobiográfico *Pao*, de Kerry Young, uma

escritora nascida em Londres de pais jamaicanos descendentes dos migrantes chineses que aportaram no Caribe para suprir a falta da mão-de-obra escrava no início do século passado? O mundo está cada vez mais complicado. Apostar no chamado paradigma nacional para descomplicá-lo não parece muito promissor!

## A África para os africanos

O tema central da mesa em que este texto foi lido eram as literaturas da África. Durante as conversas e debates que se seguiram às leituras, um membro do público interpelou-me acerca da propriedade de uma aproximação envolvendo uma ficcionista nigeriana e um teórico francês. A intenção do participante do Congresso era defender a tese desgastada de que uma teoria radicada na África é mais apropriada que uma teoria universalizante e ocidental para ler a ficção produzida por autores africanos.

Cito esse episódio porque ele me parece sintomático de um evento acadêmico que defende explicitamente uma revalorização do paradigma nacional para os estudos literários comparativos. No contexto específico a que me refiro, já é hoje impossível imaginar que a África, ou qualquer outro espaço histórico-geográfico, seja mantida como reserva simbólica para aqueles que, lembrando Gayatri Spivak (2003), têm ali seu “acidente de nascimento”. O mundo se globaliza, se mundializa. O local se internacionaliza. Chimamanda Ngozi Adichie escreve sobre a África a partir de seu escritório nos Estados Unidos. Seus contos são publicados em revistas como a *New Yorker* e a *Granta*. Muitos dos personagens de *The thing around your neck* são membros da diáspora nigeriana. Não há qualquer justificativa para que seus textos sejam lidos ao lado de Mudimbe em preferência a Foucault. O nacionalismo africano, que não deve ser confundido com a soberania das nações africanas, cumpriu sua função. Chimamanda representa uma das várias oportunidades que o continente africano possui hoje de reclamar para si o espaço simbólico internacional que os séculos de exploração colonialista lhe negaram. Ela é a mulher negra que desconstrói a gama de estereótipos que o Ocidente disseminou a fim de justificar sua empreitada imperialista.

Será possível imaginar que os estudantes de Filosofia de Lagos não leiam Michel Foucault? Que os alunos quenianos de Letras se recusem a estudar o cronotopo de Mikhail Bakhtin? Que os cursos de Ciências Sociais de Abuja evitem falar de Karl Marx? Que os psicanalistas de Maputo desconheçam Sigmund Freud? Este é o ganho da periferia: a possibilidade de fazer uma leitura particular de pensadores europeus que alteraram significativamente os campos em que atuaram e contribuir para a constante tarefa de tradução de suas obras seminais. Afinal de contas, também a Europa precisa se internacionalizar.

MARTINS, A. B. Interlude. Two Nigerian Women and a Private Experience. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 3, n. 2, p. 105-112, 2011. ISSN: 2177-3807

## Referências

ADICHIE, C. N. *The thing around your neck*. Londres: Fourth Estate, 2009.

APPIAH, K. A. *Cosmopolitanism: ethics in a world of strangers*. Nova York: W. W. Norton & Co., 2007.

FOUCAULT, M. Outros espaços. In: \_\_\_\_\_. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. (Ditos e Escritos, v. 3). Trad. Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 411-422.

RODRIGUEZ, B. M. (Org.) Apresentação. In: XII CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA – Centro, Centros: ética e estética, 12, 2011, Curitiba. Anais... Curitiba: Abralic, 2011/ s/n. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais/cong2011/AnaisOnline/index.htm>>. Acesso em 09/11/2010.

SPIVAK, G. C. *A critique of postcolonial reason: toward a history of the vanishing present*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1999.